



**SILVANIA GONÇALVES DE MORAES**

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS QUATRO PRIMEIRAS  
MEDITAÇÕES METAFÍSICAS DE RENÉ DESCARTES**

**LAVRAS – MG  
2021**

**SILVANIA GONÇALVES DE MORAES**

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS QUATRO PRIMEIRAS MEDITAÇÕES  
METAFÍSICAS DE RENÉ DESCARTES**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. André Chagas Ferreira de Souza  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2021**

**SILVANIA GONÇALVES DE MORAES**

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS QUATRO PRIMEIRAS MEDITAÇÕES  
METAFÍSICAS DE RENÉ DESCARTES**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em:

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama

Prof. Dr. Flavio Fontenelle Loque

Prof. Dr. André Chagas Ferreira de Souza  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2021**

*À Juana, à Luiza e ao Pedro.*

*E ao Antônio e à Maria Flor <3*

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Ciências Humanas (DCH) pela oportunidade de poder caminhar rumo a um sonho quase esquecido – entrar no mundo da Filosofia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela chance de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (RP), programas que só fizeram aumentar minha fé na educação e nos jovens com seus desafios e belezas.

A todos os professores e professoras que durante a graduação, com respeito e gentileza, contribuíram para que eu chegasse ao fim dessa empreitada. De um modo especial e particular ao professor André Chagas que aceitou com presteza e generosidade colocar-se adiante de minha orientação nessa etapa conclusiva e tumultuada. Aos professores e professora do Ensino Médio que no estágio, PIBID e RP foram exemplos.

À minha família, em especial à minha mãe Laura, mulher guerreira, e à minha irmã Tânia, pelo apoio com que de uma forma ou de outra sempre pude contar e que só emanam força e luz em todas as situações. Ao meu pai, sô Juca (in memoriam), que deve estar feliz por eu ter escutado um conselho seu: “[...] volte a estudar, você tem uma universidade na porta da cozinha”. Sinto tanto a sua falta pai, obrigada!

À “moçada da UFLA”, jovens que me acolheram nas salas de aula e fora delas com tanto carinho e respeito. Não ousou citar nomes pois, tenho certeza, não serei justa. Com vocês aprendi e ensinei. Devo a vocês experiências jamais imaginadas e o encorajamento que só a juventude possui e sabe dar. Agradeço poder desfrutar, na velhice, da companhia de vocês!

Aos meus filhos, ah filhos amados! Pessoas que são meu amparo emocional e afetivo, material e até financeiro. Pessoas que colaboram, dia a dia, de forma amorosa para que eu seja uma mulher melhor. São vocês, Pedro, Luiza e Juana, minha fonte de força, paz e aconchego, que incentivando e acreditando fizeram-me crer que concluiria essa graduação,

mesmo quando tudo apontava para o contrário. Foram vocês que me ajudaram a entender e aceitar situações e acontecimentos, gírias e comportamentos, tão novos e inusitados nesse percurso da graduação. Vocês ampliaram meu horizonte! Flor e Antônio, netos que são impulso de vento que renova. Amo vocês!

Ao Criador, a vida. A Deus por ter dado a ocasião de todos esses encontros.

Por fim, agradeço a todos e todas que durante esse tempo me escutaram. Vocês foram muito pacientes!

*“Se desejamos seriamente ocupar-nos com o estudo da filosofia e com a busca de todas as verdades que somos capazes de conhecer, tratemos, em primeiro lugar, de nos libertar dos nossos preconceitos, e estaremos em condições de rejeitar todas as opiniões que outrora recebemos através da nossa crença até que as tenhamos examinado novamente; em seguida, passaremos em revista as noções que estão em nós, e só aceitaremos como verdadeiras as que se apresentarem clara e distintamente ao nosso entendimento.”*

*René Descartes, in 'Princípios da Filosofia'*

## RESUMO

René Descartes com suas Meditações, propõe refundar o saber já estabelecido ao longo do medievo e, com isso iniciar uma nova ciência, um novo sistema de conhecimento que possa ser sustentação para todas as demais. Em busca dessa ciência de base verdadeira e indubitável, a dúvida é levada ao limite e ganha contornos marcantes. É da dúvida que ocorre a certeza. A Primeira Meditação destina-se a destruir todo o sistema existente adquirido através da experiência sensível. A Segunda Meditação destaca o raciocínio convencional a ser chamado “cogito cartesiano” que aparece sob a forma – *eu penso, eu existo*, para concluir de imediato que quem duvida e é por acaso enganado, necessariamente existe. A Terceira Meditação, de início afirma, que tudo o que é percebido tão clara e distintamente quanto a própria existência, é verdadeiro. Através de uma argumentação complexa e intrincada parte do *cogito* e se chega a duas provas da existência de Deus – primeira, ideia de Deus possuída pela coisa pensante; segunda, pela própria existência da coisa pensante. O lugar de discussão sobre em que consiste a razão do erro ou falsidade face à conclusão da existência de um Deus criador soberano e perfeito é a Quarta Meditação. Que o erro está presente na maneira de ser do homem é certo, qual seria sua causa? Não se trata aqui do erro cometido na busca do bem e do mal, mas do que está na busca do verdadeiro e do falso. A possibilidade do erro é uma questão metafísica inserida pelo filósofo à problemática de como é possível: “Se Deus é bom, por que eu erro?”. Nossa proposta nesse trabalho é caminhar nas Meditações cartesianas até o ponto onde se busca demonstrar a conciliação da substância divina, perfeita, e da substância criada, que falha.

**Palavras-chave: Dúvida, Cogito, Deus, Erro.**

## **ABSTRACT**

René Descartes with his Meditations proposes to refound the knowledge already established throughout the Middle Ages and, with this, to start a new science, a new system of knowledge that can support all others. In search of this science with a true and undoubted basis, doubt is taken to the limit and takes on striking contours. It is from doubt that certainty occurs. The First Meditation is designed to destroy the entire existing system acquired through sensible experience. The Second Meditation highlights the reasoning conventionally called “Cartesian cogito” which appears in the form – I am, I exist, to conclude immediately that whoever doubts and is by chance deceived, necessarily exists. The Third Meditation at the outset asserts that everything that is perceived as clearly and distinctly as existence itself is true. Through a complex and intricate argument part of the cogito and arrives at two proofs of the existence of God – first, the idea of God possessed by the thinking thing; second, by the very existence of the thinking thing. The place of discussion about what constitutes the reason for error or falsehood in view of the conclusion of the existence of a sovereign and perfect creator God is the Fourth Meditation. That error is present in man's way of being is certain, what would be its cause? It is not a question here of the mistake made in the search for good and evil, but of what is in the search for the true and the false. The possibility of error is a metaphysical question inserted by the philosopher to the problematic of how it is possible: “If God is good, why do I make mistakes?”. Our proposal in this work is to walk in Cartesian Meditations to the point where it seeks to demonstrate the conciliation of the divine substance, perfect, and the created substance, which fails.

**Keywords: Doubt, Cogito, God, Error.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PARTE 1 – MONOGRAFIA .....</b>	<b>12</b>
1.1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1.1	PRIMEIRA SEÇÃO: DA DÚVIDA.....	14
1.1.2	SEGUNDA SEÇÃO: DO COGITO .....	19
1.1.3	TERCEIRA SEÇÃO: DE DEUS .....	22
1.1.4	QUARTA SEÇÃO: DO ERRO .....	27
1.2	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
1.3	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2</b>	<b>PARTE 2 – PLANO DE CURSO .....</b>	<b>36</b>
2.1	INTRODUÇÃO.....	36
2.2	SOBRE O PLANO DE CURSO .....	38
2.3	JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL.....	39
2.4	MÉTODOS AVALIATIVOS.....	40
2.5	PLANEJAMENTO DE CURSO .....	42
2.5.1	1º BIMESTRE .....	42
2.5.2	2º BIMESTRE .....	48
2.5.3	3º BIMESTRE .....	54
2.5.4	4º BIMESTRE .....	57

## 1 PARTE 1 – MONOGRAFIA

### 1.1 INTRODUÇÃO

René Descartes (1596-1650), quando escolheu o gênero literário das *meditações*, teve o objetivo de refletir criticamente sobre sua formação inicial na Escolástica ensinada pelos jesuítas (colégio em La Flèche). Segundo ele, foram tempos de adquirir conhecimentos que mais tarde reconheceria como confusos, obscuros, nada práticos e que demonstravam atividades especulativas pouco rigorosas.

Vale destacar que à época, houve um embate com esse sistema, levando a grandes questionamentos acerca da Filosofia Escolástica também chamada de “tradição”. O conhecimento de base aristotélica, ficando enfraquecido, fez com que no século XVI e início do século XVII acentuasse o interesse por novos meios para se chegar à verdade, a um conhecimento claro e evidente.

Nesse contexto é que surge Descartes com sua filosofia repensando o *télos* filosófico que, abandonando a problemática clássica medieval, enveredou-se por outros meios até se chegar a uma verdade que pudesse ser contemplada com clareza e indubitabilidade. A cultura escolástica abriria espaço a uma nova interpretação de verdade enquanto conhecimento verdadeiro e indubitável.

A pretensão cartesiana, conforme entendemos, era livrar-se dos tais conceitos confusos, obscuros e especulativos (re)formulando um completo *sistema do conhecimento*, um sistema racionalista e também metafísico. Racionalistas, como Descartes, destacam a razão como instrumento para se alcançar esse conhecimento verdadeiro e indubitável, e não somente os sentidos e a experiência como se acreditava através da tradição.

O filósofo observa aí quão numerosos eram os conhecimentos adquiridos em sua juventude que considerava verdadeiro e quão duvidosos eram todos os que ele posteriormente acreditou a partir deles. No entanto, não era preciso Descartes realizar um exame detalhado de crença por crença, mas sim, ir ao fundamento delas, isto é, aquela verdade cujo conteúdo lhe fosse tão certo a ponto de ser indubitável, pois ‘a ruína dos fundamentos arrasta necessariamente consigo todo o resto do edifício’ (DESCARTES, 2011, p.30).

Dessa forma, o projeto cartesiano não consiste em negar ou afirmar alguma suposta certeza de maneira precipitada, e sim avaliá-la mantendo aquela que se apresenta ao intelecto como legitimamente verdadeira. Descartes diz ser preciso, metodicamente, arrasar tudo e recomeçar a partir das fundações originais. Em *Das coisas que se podem colocar em dúvida* (DESCARTES, 2011, p. 29), por exemplo, notamos com o autor que as que são obtidas pelos sentidos nos enganam, logo, deveriam ser rejeitadas.

O método de Descartes consiste *em não tomar por verdade a opinião fundada em princípios mal assegurados* (DESCARTES, 2011, p. 29). É preciso desvencilhar-se de ideias e conjecturas que não levem a uma direção precisa. É, portanto, pela dúvida que nosso autor visa encontrar seu objeto, isto é, aquilo do qual não se possa mais questionar ou suspeitar. Esse sistema racionalista influenciará todo o pensamento moderno, a ponto de Descartes ser considerado o “pai da filosofia moderna.”

Assim, em linhas gerais, veremos na primeira seção referente à *Primeira Meditação* o anúncio da dúvida enquanto método, tomando tudo aquilo que se dá como duvidoso, haja vista que, o engano dos sentidos nos leva à ideia de um deus enganador que, por empregar toda sua arte em nos enganar, será chamado por Descartes de gênio maligno. Já na segunda seção referente à *Segunda Meditação* notaremos que o filósofo francês encontra, ao final de seu percurso metodológico, algo que subsiste à dúvida, a saber, o *cogito*. Com respeito à *Terceira Meditação*, conforme escrevemos em nossa terceira seção, Descartes se dedica a provar a existência de Deus em detrimento ao gênio maligno. Uma vez defendida a existência de Deus, como explicar o erro? A Quarta Meditação, conforme mostraremos na seção subsequente, trata-se de uma “teoria da liberdade conjunta com a questão do erro” (SILVA, 2014, p. 94), visando a compatibilizar o fato da criatura errar com a existência de um criador perfeito defendido na meditação anterior. Nossa quarta seção, portanto, parece nos fazer entender o *porquê* de errarmos.

### 1.1.1 PRIMEIRA SEÇÃO: DA DÚVIDA

Descartes expõe em sua Meditação Primeira que tem como subtítulo “Das coisas que se podem colocar em dúvida”, os mecanismos do seu método, com destaque para a dúvida metódica. Para isso, ele duvida da legitimidade do conhecimento baseado na opinião e reconhece apenas o conhecimento tido como sólido.

Com a dúvida como método Descartes inicia observando como eram muitas as opiniões falsas adquiridas que na juventude eram consideradas verdadeiras e, portanto, quão duvidosas eram todas as que ele posteriormente construiu sobre elas. No passado baseou-se em seus sentidos como um guia para a verdade, observando que muitas vezes fora enganado por eles. A possibilidade de tal engano é notável, quando diz respeito a coisas que são "difícilmente perceptíveis" ou "muito distantes", mas não influencia as percepções mais imediatas. Porém, ele questiona se deve confiar em suas crenças sensoriais ou se é possível duvidar que essas crenças sejam verdadeiras, ainda que o objeto próximo ao sujeito não pareça ser questionável. Mas como ele sabe que muitas de suas crenças são baseadas em opiniões falsas, ele não tem certeza em quais delas pode confiar e quais não. Uma maneira de responder a essa indagação seria analisar suas crenças uma a uma e avaliá-las, mantendo aquelas que ele considera confiáveis e abandonando as que não considera. Mas este não é um plano viável. Em vez disso, Descartes diz que precisa "arrasar tudo e recomeçar a partir das fundações originais" e para que suas crenças sejam certas, pensa que elas devem se apoiar em bases sólidas. Se ele encontrar “algum motivo de dúvida” em relação a qualquer crença, ele “negará o consentimento” a ela em todo o seu conjunto.

A abordagem que Descartes usa para estabelecer essas bases seguras é evidenciando um conjunto hipotético de crenças que poderiam ser seguramente possíveis e mostrar, através de contraexemplos e experimentos mentais, que tais crenças poderiam ser questionadas. Transforma essas crenças duvidosas em novas crenças mais certas, informando-se das razões para rejeitar as antigas, e mostra de maneira semelhante que essas novas poderiam ser duvidosas também através de novos contraexemplos e experimentos mentais.

Suponha que alguém lhe questionasse se acredita que o gelo é frio. Você responderia: "Sim". Então, se lhe perguntassem por que acredita nisso, provavelmente

diria: "Porque sente o frio quando toca". A razão pela qual você acredita que o gelo está frio é que é isso que seus sentidos lhe dizem. Em geral, provavelmente é seguro supor que você é altamente confiante na maioria de suas crenças baseadas nos sentidos. No entanto, Descartes tem motivos para duvidar de todas as suas crenças baseadas nos sentidos, pois ninguém pode ter como base para seu próprio conhecimento seus sentidos, será necessária alguma justificativa não sensorial para fazê-lo. Descartes começa então seu exercício identificando os sentidos como seu método mais amplamente utilizado para obter, o que ele acredita até agora, crenças verdadeiras, mas, rapidamente, o descarta. Descartes considera três argumentos para mostrar que não se pode saber ou ter certeza de algo em que geralmente se acredita.

No primeiro argumento, do engano dos sentidos, começa observando que seus sentidos ocasionalmente o enganam e isso lhe dá motivos para desconfiar de algumas de suas crenças vindas daí. No entanto, como introduzido, obviamente, isso não lhe dá um motivo para desconfiar de todas as suas crenças sensoriais por completo. Isso mostra que ele deve duvidar das crenças sensoriais que ele cria quando as condições de observação são ruins (a iluminação baixa, o objeto a uma longa distância e assim por diante). Mas talvez outras crenças sensoriais estejam corretas e possam ser confiáveis. Quando estiver em boas condições de percepção, é possível que conheça coisas com base em seus sentidos. Embora admitindo que os sentidos às vezes nos enganam, quando se trata de coisas muito pequenas ou distantes, isso não significa que temos motivos para duvidar de todas as nossas crenças sensoriais. Como exemplo, imagine caminhar no deserto e ver o que parece ser um oásis à distância, apenas para perceber, à medida que se aproximava, que aquilo era apenas uma miragem. Assim, você teria sido enganado por seus sentidos. No entanto, concluirá, necessariamente, com base nisso, que seus sentidos estavam enganando você quando olha para suas mãos? Descartaria a noção de que tinha mãos apenas porque usou seus sentidos para chegar a essa conclusão? Nisso, conclui que só porque algumas crenças obtidas através dos sentidos podem ser duvidosas (em relação a objetos muito pequenos ou à distância) não implica que todas as outras também o sejam.

Mas, num momento muito conhecido das *Meditações*, Descartes lembra que, às vezes, quando está sonhando, acredita falsamente que está acordado. E, refletindo sobre isso, acha que nunca pode dizer se está ou não sonhando. Acompanhando essa linha, como ele pode saber que está realmente percebendo suas mãos agora? Talvez seja tudo apenas um sonho. Se fosse um sonho, tudo pareceria o mesmo. O próximo passo a ser dado é

contrariar a conclusão anterior, algumas crenças obtidas de nossos sentidos não podem ser questionadas, criando assim o segundo argumento, o argumento dos sonhos. Nesse argumento, ele vê com clareza que não há sinais definitivos para distinguir estar acordado ou em um sonho, tendo assim motivos para duvidar de todas as suas crenças sensoriais relativas a seu ambiente atual. A respeito dos sonhos, Descartes diz:

Quantas vezes aconteceu-me sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse todo nu em minha cama? [...] lembro-me de ter sido frequentemente enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. (DESCARTES, 2011, p.32-33).

No entanto, o meditador dá um passo atrás e faz uma analogia deste argumento a uma pintura e sugere que um pintor possa inventar algo absolutamente novo como jamais fora visto antes. Porém ele insiste que, mesmo que o pintor crie algo totalmente inovador, certamente as cores das quais faz uso deveriam ser verdadeiras. Descartes argumenta, por analogia, que ele analisa pinturas como sonhos para afirmar que, embora as pinturas, em certo sentido, não sejam "reais", sua inspiração ou os diferentes elementos delas são baseados em algo "real". Como tal, ele argumenta, que ainda que nossos sonhos não sejam "reais" em certo sentido, seus elementos são baseados em algo real, pois, de onde mais esses elementos viriam? O argumento é que não se pode duvidar que coisas de natureza mais "simples" e "universal" sejam reais (como as cores da pintura), enquanto outras coisas menos gerais possam suscitar dúvidas de serem reais.

Ademais, há ainda as formas das coisas, referentes à sua extensão, que são conceitos que podem ser tratados pela matemática. Isso leva Descartes à tentativa de concluir que, embora disciplinas como física, medicina e outros assuntos possam suscitar dúvidas e incertezas, verdades derivadas de assuntos mais "gerais" e mais "simples" como aritmética e geometria já possuem "algo de certo e indubitável". Portanto, o argumento do sonho juntamente com a analogia do pintor, levam à conclusão de que há motivos para duvidar de todas as crenças sensoriais, exceto aquelas relativas a assuntos com propriedades "gerais" e "simples", que são deixadas de fora do método da dúvida utilizado pelo filósofo:

[...] Pois, esteja eu acordado ou dormindo, dois e três juntos sempre formarão o número cinco e o quadrado nunca terá mais de quatro lados; e não me parece possível que verdades tão aparentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza. (DESCARTES, 2011, p.35).

Dada a formação religiosa de Descartes, a ideia de um Deus onipotente trespassa seu pensamento, e, dessa forma questiona: como saber que esse Deus onipotente não motivou a aparência de um mundo externo, bem como os conceitos de forma, tamanho e as coisas mais gerais que se supunha existir? Em seu terceiro argumento – o argumento do Deus enganador, a certeza de que Deus não o enganou sobre os assuntos que acredita, que conhece, desaparece. Se não tem certeza de que Deus não o enganou sobre os assuntos que acredita de forma absoluta, então tem motivos para duvidar até daquelas coisas que acredita.

Surge a rejeição a essa dúvida através do argumento que Deus é extremamente bom e, portanto, não o teria criado de uma maneira em que ele sempre tenha sido enganado sobre tudo, já que isso seria inconsistente com sua bondade. Mas, como ressaltado, se fosse contrário à bondade de Deus enganar maciçamente suas criaturas, parece que também é contrário à sua bondade enganá-las ocasionalmente. E, no entanto, ninguém negaria que somos ocasionalmente enganados. Em outras palavras, Deus claramente nos deixa enganar algumas vezes. Algumas vezes, nossos sentidos nos enganam e, se isso é compatível com a bondade de Deus, por que não deveria ser também compatível com a bondade de Deus deixar-nos ser sempre enganados? Aqui, Descartes conclui, por enquanto, que seria possível que Deus o tivesse criado de tal maneira que ele seja enganado o tempo todo. O fato de Deus ser supremamente bom não parece ameaçar o argumento de que somos ocasionalmente enganados. Uma coisa que é importante ver nesse argumento é que ele não exige imaginar como seria para Deus tê-lo enganado. A premissa é apoiada simplesmente pela ideia de que Deus, se ele existe, é capaz de fazer qualquer coisa. Esta é uma parte tradicional da concepção de Deus: Deus é onipotente. Assim, Descartes não pode ter certeza - neste ponto das meditações, pelo menos - que Deus não o enganou. O resultado do argumento do Deus enganador é:

[...] Sou forçado a confessar que, de todas as opiniões que outrora recebera em minha crença como verdadeiras, não há uma da qual não possa agora duvidar, não por alguma inconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente consideradas; (DESCARTES, 2011, p.36).

Descartes está convencido de que há motivos para duvidar de tudo. No entanto, convencer-se disso e lembrar-se na prática são duas coisas diferentes. Assim, para que não se torne vítima do hábito e volte a crer que mostrou que poderia duvidar de tudo é criado um mecanismo engenhoso - o gênio maligno, um ente onipotente, mas

desvinculado de um compromisso moral de manutenção da verdade. Esse gênio é maligno no sentido de estar constantemente tentando enganá-lo e, portanto, leva-o a negar o consentimento a qualquer uma de suas crenças, para que não seja vítima de um engano maligno. É característica desse ente introjetar na cabeça de Descartes pensamentos evidentes e tentar que acredite em coisas falsas. É uma metáfora, um recurso metodológico que o filósofo faz uso para sobressair a ideia de que nenhum pensamento por si só traz a garantia de ser igual a algo no mundo. Com isso, a ideia do Deus enganador é substituída pela ideia do gênio maligno.<sup>1</sup> Ele afirma:

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos astuto e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que se serva para surpreender minha credulidade. Considerarei em mim mesmo como não tendo mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, como não tendo nenhum sentido, mas crendo falsamente ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder alcançar o conhecimento de alguma verdade, pelo menos está em meu poder suspender meu juízo. Eis por que me guardarei cuidadosamente de receber em minha crença qualquer falsidade, e prepararei tão bem meu espírito para todas as astúcias desse grande enganador que, por mais poderoso e astuto que seja, jamais poderá impor-me nada. (DESCARTES, 2011, p.38).

O filósofo finaliza a primeira das Meditações de uma forma persistente e apegada ao pensamento de que mesmo que não consiga chegar ao conhecimento da verdade, acredita poder suspender seu juízo, quando verificar em sua crença a ausência de qualquer indício de falsidade.

---

<sup>1</sup> “Com efeito, a demonstração do Deus veraz, que implica a refutação da hipótese do Gênio maligno, determina na nossa atitude em relação à verdade e à certeza uma radical reviravolta do pró ao contra. Ao Gênio maligno, bloco da falsidade universal, sucede a veracidade absoluta de Deus, que institui o bloco da verdade universal. Disso resulta uma simetria nas posições contrárias. O Gênio maligno estendia sua dúvida radical não apenas aos conhecimentos que a dúvida natural atinge, mas às ideias claras e distintas que são, ‘pela natureza de nosso espírito’. Imediatamente e legitimamente indubitáveis [...]. A veracidade divina torna impossível toda falsidade e consagra, em princípio, toda afirmação ao verdadeiro” (GUEROULT, 2016, p.337-338). Em outras palavras, “Deus veraz e o Gênio maligno, a verdade e a falsidade se opõem como o ser e o nada”. (GUEROULT, 2016, p. 344).

### 1.1.2 SEGUNDA SEÇÃO: DO COGITO

Na Meditação Segunda, com o subtítulo "Da natureza do espírito humano e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo", Descartes é firme em sua determinação de continuar a busca pela certeza e descartar como falso qualquer coisa que esteja aberta à menor dúvida. Retomando a meditação anterior, ele supõe que o que vê não existe, que sua memória é defeituosa, que ele não tem sentidos nem corpo, que extensão, movimento e lugar são noções equivocadas sugerindo que a única coisa que resta é que não há certeza. Sendo assim, chega à hipótese de que não há nada de certo no mundo:

Suponho, então, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que nunca houve nada de tudo quanto minha memória repleta de mentiras me representa; penso não ter nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que então poderá ser considerado verdadeiro? (DESCARTES, 2011, p.42).

Descartes observou que o mundo físico não existe, o que parece implicar sua inexistência. Mas, para ter essas dúvidas, ele deve existir. No argumento do Deus enganador foram enumerados motivos para duvidar de que exista alguma coisa no mundo ficando convencido de que não há absolutamente nada no mundo: sem o céu, sem a terra, sem a mente, sem o corpo. O que não há são dúvidas de que existe um receptor poderoso que sempre o está enganando de propósito. Para que um demônio do mal o engane de todas essas maneiras, ele deve existir para ser enganado.

Mas há um não sei qual enganador muito potente e muito astuto, que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há dúvida, então, de que eu sou, se ele me engana; e que me engane o quanto quiser, jamais poderá fazer com que eu não seja nada, enquanto eu pensar ser alguma coisa. (DESCARTES, 2011, p.42-43).

Deve haver um "eu" que possa duvidar, ser enganado e assim por diante surgindo aí o famoso argumento *cogito*, dizendo: “após ter pensado bem nisso e ter cuidadosamente examinado todas as coisas, é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição, **Eu sou, eu existo**, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito”. (DESCARTES, 2011, p.43). Dessa forma, o filósofo encontra seu primeiro domínio da certeza, após o ceticismo relatado na Primeira Meditação. Se existe o falso pensamento que Descartes existe, então o pensamento está ocorrendo, mas Descartes não existe e, portanto, não está pensando, afinal, se seu pensamento de que existe é falso, então Descartes não existe. É possível um pensamento sem um pensador? Pode-se achar que não. Os pensamentos, ao que parece, provêm de alguém e, se pode ter a existência de um pensamento, pode-se ter também a existência de um pensador. A existência do

pensamento não é "deduzida" através de um argumento e sim é reconhecida como algo evidente por uma simples intuição. Agora, estabelecida sua existência, Descartes atenta que ainda não entende o suficiente o que é.

A próxima pergunta do meditador é o que é esse "eu" que existe. Ele inicialmente pensou que tinha uma alma, por meio da qual era nutrido, movido, podia sentir e pensar; e também que tinha um corpo. Todos esses atributos foram postos em dúvida, exceto um: duvidar de que pensa. Ele pode existir sem nenhum dos atributos acima, mas não pode existir se não pensar. Além disso, ele só existe enquanto estiver pensando, o pensamento é inseparável do ser e chega a concluir que é apenas uma coisa que pensa deixando evidente a existência da *res cogitans*. Descartes afirma ainda que o pensamento é a única coisa que lhe pertence:

[...] e noto aqui que o pensamento é um atributo que me pertence. Só ele não pode ser desprendido de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, durante o tempo em que penso; pois talvez pudesse ocorrer, se eu cessasse de pensar, que cessasse ao mesmo tempo de ser ou de existir. (DESCARTES, 2011, p.46).

O meditador busca esclarecer o que é esse "eu", essa "coisa que pensa", não apenas algo que pensa, entende e deseja, mas também algo que imagina e sente. Afinal, estar sonhando ou sendo enganado por um demônio do mal é algo provável, mas, ainda assim imagina e parece ouvir e ver as coisas. Suas percepções sensoriais podem até não ser verídicas, mas certamente fazem parte da mesma mente que pensa. Todos os dados advindos dos sentidos foram postos em exclusão. Como resultado, Descartes observa que a única verdade que não fora capaz de ser posta em exclusão é a de poder duvidar de que pensa.

A pergunta que surge é: como conhecer esse "eu"? Os sentidos podem não ser confiáveis e com a imaginação não se pode contar. Imaginação evoca ideias de toda espécie de coisas que não são reais, portanto, não pode ser o que norteia o conhecimento de sua própria essência ainda mais sabendo que esse "eu" é diferente da definição de homem dada pela tradição escolástica – "animal racional".

As reflexões cartesianas seguem com o exemplo da *cera*. Com esse exemplo, o que se pretende saber é: uma determinada peça de cera recém tirada de um favo de mel é (re)conhecida pelos sentidos ou por outro meio? A cera possui cor, forma e tamanho particular; é duro e frio e pode ser tocado. Essas qualidades poderão ser alteradas quando

o pedaço de cera é exposto ao calor. A cera derrete e suas qualidades sensíveis mudam, de modo que, por exemplo, agora a cera é suave e macia enquanto antes era dura, no entanto é o mesmo pedaço de cera que ainda permanece. A conclusão que Descartes chega consiste em dizer que conhecer aquele pedaço sólido e a mesma porção derretida de cera não pode passar pelos sentidos, haja vista que, todas as suas propriedades sensíveis mudaram. Mas, como saber que aquele líquido macio e suave ainda se trata daquele sólido e frio pedaço de cera?

O filósofo, considerando o que se pode saber sobre o pedaço de cera, conclui que se sabe apenas que ele é estendido, flexível e mutável. Isso não é conhecido através dos sentidos e reconhece que é impossível conhecer a cera por meio da imaginação: a cera pode se transformar em um número sem fim de formas diferentes e não se pode percorrer todas essas formas. Descartes reflete sobre como é fácil ser enganado com relação a esses assuntos. Afinal, poder-se-ia dizer "eu vejo a cera", embora afirmando que se refere à cera como o intelecto a percebe, e não à sua cor ou forma.

Os sentidos nos dizem sobre o mundo, e Descartes admite que o que sabemos sobre o sólido pedaço de cera o sabemos através dos sentidos. Os sentidos também podem nos informar sobre a cera derretida, mas não podem nos dizer que a cera derretida e a cera sólida são a mesma coisa. Nem a imaginação pode. Somente o intelecto pode organizar e entender o que percebemos. Os sentidos apenas percebem um emaranhado de informações que nos dão conta sobre o mundo, porém, sem o intelecto, não poderíamos entender o que foi percebido.

Ainda que haja dúvida da existência de coisas corporais, até a Segunda Meditação Descartes provou haver, de igual modo, a certeza de que quem duvida existe, ou seja, pode ser que tudo isso não passe de um sonho, uma mera ilusão. No entanto, não há dúvida que se esteja percebendo e a partir desta percepção, há o julgar que aquilo é considerado um pedaço de cera.

A conclusão aqui leva à crença que, ao contrário dos impulsos iniciais de Descartes, a mente é um conhecedor melhor que o corpo. A sugestão dele é conhecer melhor a mente que as coisas externas, afinal, pode-se não estar percebendo o pedaço de cera: pode ser um sonho ou uma ilusão. Mas quando se percebe o pedaço de cera, não há dúvida que esteja percebendo nem que esteja julgando o que se considera um pedaço de cera, e esses dois atos de pensamento implicam que o "eu" existe. Todos os pensamentos

que possamos ter sobre o mundo fora de nós só podem ser duvidosos quanto ao mundo exterior, mas devem com certeza confirmar nossa própria existência e estabelecer a natureza de nossa própria mente.

### 1.1.3 TERCEIRA SEÇÃO: DE DEUS

A Meditação Terceira, com o subtítulo "De Deus; que ele existe", começa com o meditador, revendo o que ele determinou até o momento. Descartes abandona os sentidos, deixando-os de lado e ocupando-se somente daquilo que há em seu interior:

Agora fecharei os olhos, taparei os ouvidos, distrairei de todos os meus sentidos, até apagarei de meu pensamento todas as imagens das coisas corporais, ou, pelo menos, porque é difícil fazer isso, eu as reputarei como vãs e falsas; e assim, entretendo-me somente comigo mesmo, e considerando meu interior, tratarei de tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo. (DESCARTES, 2011, p.57).

Ele ainda duvida da existência de coisas corporais, mas tem certeza de que existe e é um pensamento que duvida, entende, deseja, imagina e sente, entre outras coisas. Ele não podia ter certeza, a menos que todas as percepções claras e distintas pudessem ser certas. Tendo verificado que ele existe e é uma coisa pensante, Descartes tenta determinar como pode saber essas coisas, e se pode vir a conhecer outras coisas também por meios semelhantes. Ele conclui que seu conhecimento do *cogito* é claro e distinto. Assim, conclui que todas as percepções claras e distintas (às quais ele às vezes se refere como "a luz natural") devem ser certas:

Sou uma coisa que pensa, ou seja, que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. [...] embora as coisas que sinto e imagino talvez não sejam absolutamente nada fora de mim e em si mesmas, estou certo, não obstante, de que essas maneiras de pensar a que chamo de sentimentos e imaginações, somente na medida em que são maneiras de pensar, residem e se encontram certamente em mim. E, nesse pouco que acabo de dizer, creio ter relatado tudo o que sei verdadeiramente, ou pelo menos tudo o que até agora notei que sabia. (DESCARTES, 2011, p.57).

Descartes quer escapar dos problemas envolvidos em percepções claras e distintas, confiando na existência de Deus para torná-las verdadeiras. No entanto, ele

também parece querer provar a existência de Deus, reivindicando-a como uma percepção clara e distinta.

Todas essas coisas são apreendidas pelos sentidos, e ele deve reconhecer agora que não percebeu as coisas em si, mas apenas as ideias ou pensamentos daquelas coisas que surgiram diante de sua mente. Ele também parece bastante certo de aritmética e geometria, embora não possa estar absolutamente certo, pois Deus pode estar enganando-o. Para garantir a si mesmo que não é enganado, ele passa a investigar a natureza de Deus. Conforme nos fala Gueroult “a terceira meditação marca uma etapa decisiva no progresso segundo a ordem das razões. Ela aborda a natureza simples absolutamente absoluta”. (2016, p. 331).

Antes que possa fazer isso, no entanto, o meditador decide primeiro classificar seus pensamentos em diferentes tipos. Primeiro, existem simplesmente ideias, segundo, há desejos, emoções e julgamentos, onde há uma ideia, que é o objeto de um pensamento, e também outra coisa, como uma afirmação ou um medo, que é direcionado ao objeto desse pensamento. A sugestão de Descartes de que as ideias são "como se fossem imagens de coisas" não se destina a reduzir as ideias a serem simplesmente representações visuais. Podemos ter ideias de Deus, de justiça e nenhuma delas, necessariamente, vem acompanhada de uma imagem.

São definidas três fontes de ideias: elas podem ser inatas; elas podem ser adventícias, como nossas percepções sensoriais; ou elas podem ser inventadas por nós, como nossas ideias de sereias ou unicórnios.

Ora, destas idéias, umas me parecem ter nascido comigo, outras me ser estranhas e vir de fora, e as outras feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é isso que geral se nomeia uma coisa, ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o tenho de outro lugar senão apenas de minha natureza própria; mas, se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até esta hora julguei que tais sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e, enfim, parece-me que as sereias, os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito. Mas também, talvez, possa persuadir-me de que todas essas idéias são do gênero das que chamo de estranhas e que vêm de fora, ou então que todas nasceram comigo, ou então que todas foram feitas por mim; pois ainda não lhes descobri claramente a verdadeira origem. E o que tenho de fazer principalmente nesse ponto é considerar, no tocante àquelas que me parecem vir de alguns objetos que estão fora de mim, quais são as razões que me obrigam a crê-las semelhantes a esses objetos. (DESCARTES, 2011, p.61-62).

Algumas ideias são ideias apenas no sentido estrito, enquanto outras são ideias no sentido estrito e também como outra coisa. Essa "outra coisa" pode ser vontade, emoção

ou julgamento. Descartes está particularmente interessado em julgamentos, pois essas são as coisas pelas quais podemos estar errados e ele deseja identificar a fonte do erro para identificar a fonte da dúvida. Assim, entre as ideias inatas, inventadas e adventícias, Descartes tem o maior interesse em ideias adventícias (não inerentes, mas adicionadas extrinsecamente). Ele percebe que frequentemente assumimos que estamos percebendo coisas fora de nossa mente sem nenhum grau de certeza ou justificativa. Ele diz que as vontades ou emoções são tão próximas e, ao mesmo tempo, subjetivas que são sempre verdadeiras, já que podemos temer ou desejar algo que não existe:

Não é preciso temer também que se possa encontrar falsidade nas afecções ou vontades; pois, ainda que eu possa desejar coisas más, ou mesmo que nunca existiram, nem por isso, todavia, é menos verdadeiro que eu as desejo (DESCARTES, 2011, p.61).

O meditador argumenta que ele não pode se enganar com relação a ideias por si só, nem com desejos ou emoções: ele só pode cometer erros com relação a julgamentos. O erro mais comum no julgamento é julgar que as ideias da mente se ajustam ou se assemelham a coisas fora da mente.

Descartes argumenta que todas as ideias são modos de pensamento e, nesse sentido, são todas iguais: todas têm a mesma quantidade de realidade formal, isto é, uma realidade intrínseca a si mesmas. O meditador afirma que nenhum efeito pode ter uma quantidade maior de realidade do que sua causa, por exemplo, uma pedra pode ser feita lascando um pedaço maior de rocha, já que a rocha maior tem mais realidade, mas uma pedra não pode ser feita de uma cor, pois uma pedra tem mais realidade do que uma cor. O filósofo admite que ideias podem ser causadas por outras ideias, mas que deve haver algo mais do que uma ideia que é a causa dessas ideias.

Se ele pode conceber alguma ideia com tanta realidade objetiva que deve vir de alguma causa com realidade mais formal do que ela própria, o meditador raciocina que ele saberá que algo fora de sua mente existe. Suas ideias de outras pessoas, animais e anjos podem facilmente surgir de si mesmo, mesmo que essas coisas não existam. Da mesma forma, as coisas corporais não contêm nada tão grande que não possa se originar nele. Descartes define realidade objetiva como:

Por Realidade Objetiva de uma ideia entendo a entidade ou o ser da coisa representada na ideia, e no mesmo sentido pode chamar-se de uma perfeição objetiva, um artifício objetivo etc. Pois tudo o que percebemos que está nos objetos das ideias está também objetivamente nas ideias mesmas". (DESCARTES, 1983)

Qualidades sensíveis como cor, som, cheiro, sabor, calor, frio e assim por diante, são percebidas apenas de uma maneira confusa e obscura, e Descartes nem tem certeza se são ou não coisas. Se são coisas, devem ter um grau de realidade tão pequeno que se origine sem problemas dele próprio.

Se rastreamos a cadeia causal o suficiente, encontraremos uma causa com tanta realidade formal quanto a ideia tiver realidade objetiva. Se Descartes puder localizar uma ideia que tenha uma realidade mais objetiva do que a realidade formal, poderá concluir que deve haver algo fora de si que tenha que criar a ideia. Como ele tem a realidade formal de uma substância finita, a única coisa que tem mais realidade é a substância infinita. Assim, ele tentará provar que algo além de si existe ao contemplar sua ideia de Deus. A distinção no conteúdo das ideias leva Descartes a exigir uma razão para isto, ou seja, leva-o a buscar a causa dessa diferenciação que ocorre no interior do pensamento. Descartes apresenta neste momento as condições de aplicação do princípio de causalidade:

Agora, é coisa manifesta pela luz natural que deve haver pelo menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto em seu efeito; pois, de onde o efeito pode tirar sua realidade senão de sua causa? E como esta causa poderia comunicá-la a ele se não a tivesse em si mesma? E daí resulta não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, ou seja, que contém em si mais realidade, não pode ser uma consequência e uma dependência do menos perfeito. E esta verdade não é somente clara e evidente nos efeitos que têm a realidade esta que os filósofos chamam atual ou formal, mas também nas idéias em que se considera somente a realidade que eles nomeiam objetiva. (DESCARTES, 2011, p.65-66).

Ao considerar Deus como uma substância que é infinita, eterna, imutável, independente, supremamente inteligente e poderosa e que criou a mim e a todo o resto, Descartes percebe que a ideia de Deus deve ter uma realidade muito mais objetiva do que ele realidade formal: Deus é uma substância infinita, enquanto ele é apenas uma substância finita. Como a ideia de Deus não pode ter se originado em si mesmo, ele conclui que Deus deve ser a causa dessa ideia e, portanto, deve necessariamente existir.

Pois, não há dúvida de que as que mostram substâncias são algo mais e contêm, por assim dizer, mais realidade objetiva, isto é, participam por representação de mais graus de ser ou de perfeição do que as que só representam modos ou acidentes. Por sua vez, aquela pela qual entendo um certo Deus supremo, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente, criador de todas as coisas que estão fora dele, seguramente tem em si mais realidade objetiva do que as ideias pelas quais se mostram as substâncias finitas”. (DESCARTES, 1983)

Embora ele possa duvidar da existência de outras coisas, ele não pode duvidar da existência de Deus, pois ele tem uma percepção clara e distinta da existência de Deus. A ideia tem uma realidade objetiva infinita e, portanto, é mais provável que seja verdadeira do que qualquer outra ideia.

Descartes então considera a possibilidade de que ele seja supremamente perfeito, que todas as suas deficiências sejam potencialidades dentro dele e que ele esteja melhorando lentamente em direção à perfeição. Se a perfeição é uma potencialidade dentro dele, é plausível que a ideia de Deus possa ser concebida nele sem qualquer causa externa. O meditador rejeita essa possibilidade por três razões: primeiro, Deus é todo real e não tem potencial; segundo, se ele está constantemente melhorando, nunca alcançará a perfeição onde não houver espaço para melhorias; e terceiro, o Ser em potencial não é de todo a ideia de Deus que deve ser causada por algo infinito e real.

Se Descartes pudesse existir sem Deus, ele estaria fora de si mesmo, ou de seus pais, ou de algum outro ser menos perfeito que Deus. Se ele derivou sua existência de si mesmo, não há razão para ter dúvidas e desejos. Ele também não pode escapar desse raciocínio, supondo que ele sempre existiu e nunca teve que surgir. Não há razão para que ele continue a existir, a menos que haja alguma força que o preserve, que o crie novamente a cada instante. Como um pensamento, ele deve estar ciente desse poder de preservação, embora ele venha de dentro dele.

Se seus pais ou algum outro imperfeito o criaram, esse criador deve tê-lo dotado da ideia de Deus. Se esse criador é um ser finito, ainda devemos perguntar com relação a ele como ele passou a possuir a ideia de um Deus infinito. Podemos rastrear essa cadeia através de inúmeros criadores, mas devemos finalmente concluir que a ideia de Deus pode se originar somente em Deus, e não em algum ser finito.

Tendo concluído que Deus deve necessariamente existir, Descartes pergunta como ele recebeu a ideia de Deus. A ideia não pode ser adventícia, vinda de fora, nem pode ser inventada pelo meditador. Assim, a ideia deve ser inata, e ele deve ter sido criado por Deus com essa ideia já nele. Ele percebe clara e distintamente que Deus não é enganador, uma vez que todo engano se baseia em algum defeito ou outro, e um Deus perfeito não tem defeitos.

As provas de Descartes sobre a existência de Deus se baseiam no raciocínio causal, sugerindo que deve haver uma causa da ideia de Deus que seja tão grande quanto

o próprio Deus. Embora minha ideia de Deus possa ter vindo de meu pai, e a ideia de Deus de meu pai possa ter vindo de um sacerdote, a sugestão é que, no final dessa cadeia causal, haja uma primeira causa, que é Deus.

#### **1.1.4 QUARTA SEÇÃO: DO ERRO**

A Meditação Quarta, com o subtítulo "Do verdadeiro e do falso", tem início com Descartes nos chamando a atenção para seu método que, assim como o guiou alguns dias passados, o guiaria novamente sem nenhuma dificuldade em suas próximas considerações (DESCARTES, 2011, p.83) e com a reflexão sobre seu progresso nas meditações, observando que todo o seu conhecimento, e em particular o conhecimento mais certo que é que Deus existe, provém do intelecto e não dos sentidos ou da imaginação.

A existência de Deus argumentada pelo filósofo em no mínimo três momentos de sua obra, a saber: o primeiro - pela simples consideração da ideia de ser perfeito; o segundo – pela causalidade das ideias; o terceiro – por não ter o poder para conservar a si mesmo, é evidentemente uma verdade que permite o sujeito sair de si em busca de outras verdades no Universo.

Descartes está ciente como sendo um ser com limitações e, a partir dessa consciência, descobre que pode conceber um ser sem essas limitações ou imperfeições. Mas, já tendo estabelecido que ele próprio não é completamente perfeito, Descartes conclui que alguma coisa deve existir fora e independentemente de sua mente consciente, um ser infinitamente perfeito que é a fonte, a causa ou o criador de tudo que contenha qualquer grau da realidade.

Agora, tendo a certeza da existência de Deus, pode prosseguir. Primeiro, ele sabe que Deus não o enganaria, pois a vontade de enganar é um sinal de fraqueza ou malícia, e a perfeição de Deus não permitiria isso. Na negação de Descartes de que Deus poderia ser um enganador, ele está empregando uma concepção de poder e existência que são características concebidas como positivas. Quanto mais poder e existência se tem, melhor é. Segundo, se Deus o criou, Deus é responsável por seu julgamento e, portanto, sua faculdade de julgamento deve ser infalível enquanto ele a usar corretamente.

Descartes fala de sua "faculdade de julgamento" reconhecendo apenas que tem a capacidade de formar crenças sobre a verdade ou falsidade de várias reivindicações. Como ele foi criado por um Deus todo poderoso e todo bom, parece que essa faculdade de julgamento, se usada corretamente, nunca deve levá-lo ao erro. Um Deus todo-poderoso seria capaz de lhe dar uma faculdade de julgamento que nunca, se usada corretamente, o levaria a fazer julgamentos equivocados, e todo o bem de Deus não iria querer "enganá-lo", dando-lhe uma faculdade tão enganosa. E assim, parece que, sendo criado por um Deus todo bom e todo poderoso, Descartes nunca deve cometer erros de julgamento.

Tudo isso é bom, mas se Deus o dotou de julgamento infalível, como às vezes, ele pode estar enganado? A tarefa de Descartes na Quarta Meditação é explicar a possibilidade de erro humano de uma maneira que não ponha em dúvida a perfeição de Deus. Se Descartes puder localizar a fonte do erro humano, então, talvez, ele possa encontrar um método para evita-lo. Segundo Gueroult, "resolver o problema do erro é descobrir como e porque a vontade que afirma pode transgredir o limite das afirmações legítimas, e como ela pode evitar tal transgressão" (2016, p. 334).

Descartes explica que ele, o sujeito, encontra-se em algum lugar entre Deus - um ser perfeito, completo e supremo - e o nada. Ele foi criado por um ser supremo e infinito, e tudo criado nele por esse ser supremo é infalível, mas ele também foi criado para ser apenas um ser finito. Enquanto ele participa parcialmente do ser supremo de Deus, ele também participa parcialmente do nada. Quando ele está errado, não é o resultado de alguma faculdade defeituosa criada por Deus, mas o resultado de seu não-ser, sua falta de perfeição. Tudo o que Deus criou é perfeito, mas Deus o criou como um ser finito cuja finitude ainda deixa espaço para o erro. Se houvesse uma linha, com Deus como ser absoluto de um lado, e nada e mal do outro lado, os humanos estariam em algum lugar no meio. Nossa capacidade de errar chega até nós, na medida em que participamos do nada e não de Deus. Somos privados de conhecimentos que deveríamos ter, mas não temos. Portanto, para o filósofo, a hipótese para a origem do erro é a da privação de conhecimento:

[...] pois o erro não é uma pura negação, ou seja, não é o simples defeito ou falta de alguma perfeição que não me é devida, mas, antes, é uma privação de

algum conhecimento que parece que eu deveria possuir. (DESCARTES, 2011, p.86).<sup>2</sup>

No entanto, se Deus é um criador perfeito, Deus deve ser capaz de criar seres perfeitos. Certamente, Deus poderia ter desejado que Descartes nunca errasse, e Deus sempre quis o que é melhor. Descartes reflete que os motivos e as razões de Deus são incompreensíveis para seres finitos como ele e por essa razão, ele rejeita a busca de causas finais na física dizendo que seria necessária muita arrogância tentar ler a mente de Deus ou entender os motivos de Deus. Em vez de olhar para uma parte isolada do universo, o meditador sugere que ele pode encontrar perfeição se observar a criação de Deus como um todo. Ele pode parecer um ser imperfeito quando considerado por conta própria, mas pode desempenhar um papel perfeitamente apropriado no contexto mais amplo de um universo perfeito. O meditador sugere que os motivos de Deus estão além da nossa escassa compreensão. Enquanto por conta própria, podemos ser vistos como imperfeitos, somos apenas uma pequena parte de uma criação muito maior. Podemos pensar em uma engrenagem por si só como algo inútil e imperfeito, mas quando a vemos no contexto maior de uma máquina, entendemos que ela é perfeitamente projetada para atender a sua finalidade.

Descartes examina a fonte de seus erros. Estes, dependem simultaneamente do intelecto (a faculdade do conhecimento) e da vontade (a faculdade da escolha ou da liberdade). O intelecto é a faculdade que não apenas entende e pensa, mas também sente e imagina. A vontade é a faculdade responsável por afirmar e negar, e é na vontade que a possibilidade de erro se manifesta.

O intelecto é finito e limitado, porque existem vários graus nos quais as percepções e a compreensão podem funcionar. Por exemplo, alguns de nós só conseguem fazer aritmética simples, enquanto outros podem calcular equações complexas com facilidade, enquanto nenhum de nós consegue entender todos os mistérios do universo. A vontade, por outro lado, não é finita, porque sua eficácia não é uma questão de grau.

---

<sup>2</sup> “A privação se encontra na operação enquanto ela procede de mim, mas ela não se encontra na faculdade que eu recebi de Deus, nem mesmo na operação enquanto ela depende dele” (DESCARTES, VII, p. 60). Destarte, “quanto à privação, na qual consiste unicamente a razão formal do erro e do pecado, ela não tem necessidade de nenhum concurso de Deus, porque ela não é uma coisa ou um ser, e se a referimos a Deus como a sua causa, ela não deve ser nomeada privação, mas apenas negação, segundo a significação que se dá a essas palavras na Escola” (GEROULT, 2016, p. 362).

O intelecto apenas nos permite perceber as ideias e não a fazer julgamentos sobre elas, e, nesse sentido, não pode ser a fonte do erro. Não há erro em simplesmente ter uma ideia. O erro surge apenas quando escolhemos acreditar que a ideia é verdadeira ou que a ação é algo que devemos seguir. Com a liberdade de escolha ou vontade, o meditador percebe que é ilimitado e, nesse aspecto, mais do que qualquer outro, ele se assemelha ao seu Criador. Exercitar a faculdade da vontade consiste simplesmente em afirmar ou negar, prosseguir ou evitar.

Com a capacidade de livre-arbítrio, Descartes explica como cometemos erros de julgamento de uma maneira que seja consistente com o fato de termos sido criados por um Deus todo poderoso e todo bom. Nosso entendimento é finito, mas isso não é inconsistente com a perfeição de Deus. Deus não precisava nos criar ou nos dar qualquer entendimento. Nosso entendimento é finito, mas não contém erros, portanto, não há erro no que Deus nos deu. Nossa vontade, por outro lado, é infinita. Não há erro em nossa vontade, como tal, e, portanto, nenhum erro no que nos foi dado por Deus. Portanto, não há erro em nossa compreensão ou em nossa vontade. Deus criou tudo, e Deus é tudo de bom.

Deus não cria em mim senão realidades e perfeições. Que elas sejam limitadas ou ilimitadas, isso não muda em nada seu caráter intrínseco de perfeição e realidade. O erro nasce em mim pelo fato de uma perfeição do meu ser (o entendimento) ser limitada em sua amplitude, portanto, ele nasce de um nada em mim. Sem dúvidas o erro é para mim privação [...]; O erro por seu turno, começa apenas quando se pretende descobrir na obra de Deus, isto é, nas coisas físicas e naturais, uma finalidade que é acessível apenas a um entendimento infinito. (GUEROULT, 2016, pp. 363- 368).

Por ter e defender o livre-arbítrio, Descartes pode afirmar ou negar qualquer proposição que seu intelecto faça. O fato de que nem sempre afirmamos ou negamos não se deve a uma fraqueza na vontade, mas a uma fraqueza no intelecto. Frequentemente, o intelecto não entende um assunto suficientemente bem para permitir que a vontade faça um julgamento informado e, portanto, a vontade suspende o julgamento gerando um sentimento de indiferença. Tal vontade é aplicada até mesmo nas coisas que não entendo, me fazendo errar:

[...] sendo a vontade muito mais ampla e mais extensa do que o entendimento, não a contendo nos meus limites, mas a estendendo também às coisas que não entendo; sendo por si indiferente a elas, ela se desencaminha com muita facilidade e escolhe o mal pelo bem, ou o falso pelo verdadeiro. O que faz que me engane e que peque. (DESCARTES, 2011, p. 90-91).

Assim, a vontade de Deus é apenas superior à nossa, na medida em que Deus tem conhecimento supremo e sempre pode desejar o que é bom. O sentimento de indiferença não é uma fraqueza na vontade, mas uma falta de conhecimento do que seja o caminho verdadeiro ou correto a seguir.

Como a vontade é perfeita e ilimitada, não pode ser a fonte do erro. Da mesma forma, desde que seu entendimento, ou intelecto, foi criado por Deus, também nunca pode estar errado. Descartes conclui que o erro resulta não de imperfeições em nenhuma dessas faculdades, mas do fato de que a vontade tem um escopo muito mais amplo que o entendimento. Como resultado, a vontade geralmente passa julgamentos sobre assuntos que não são totalmente compreendidos e sobre os quais é indiferente.

A fonte do erro, portanto, reside nessa disparidade entre o escopo da vontade e o escopo do intelecto. A vontade é ilimitada e pode afirmar ou negar qualquer proposição, enquanto o intelecto é limitado e só pode perceber clara e distintamente um pequeno número de proposições. O único momento em que podemos ter certeza de que estamos julgando corretamente é em casos de percepção clara e distinta. Surge então a questão de como podemos saber quais percepções são claras e distintas. A resposta de Descartes é que percepções claras e distintas são aquelas que a vontade não pode deixar de afirmar. Por exemplo, o meditador acha impossível negar que ele existe, pois todos os seus pensamentos confirmam sua existência. Por outro lado, ele pode duvidar do que vê, como o argumento do sonho (Primeira Meditação) mostra. Portanto, as percepções visuais não são claras e distintas.

O meditador afirma que apenas a vontade, de todas as faculdades mentais humanas, está em pé de igualdade com a de Deus, porque é ilimitada. A vontade é livre para afirmar ou negar o que quiser. De fato, o livre-arbítrio é a fonte do erro, se Deus não nos tivesse abençoado com ele, não faríamos alegremente julgamentos sobre nossas percepções confusas e obscuras e nunca cometeríamos erros:

Não obstante, Deus não é o responsável. Sem dúvida, ele criou em mim as faculdades cujo jogo engendra o erro, mas ele não colocou nelas nada de positivamente imperfeito nem nada que tornasse fatal o erro. Enfim, ele não é o autor desse jogo: “Não é uma imperfeição em Deus o fato de ele me ter dado a liberdade de emitir meu juízo, ou de não fazê-lo, sobre certas coisas das quais ele não colocou em mim um conhecimento claro e distinto em meu entendimento; mas é, sem dúvida, em mim uma imperfeição não usá-la bem e emitir, de forma temerária, meu juízo sobre as coisas que eu conheço apenas com obscuridade e confusão”. (GUEROULT, 2016, p. 360).

Em todas as questões do intelecto, exceto nas percepções claras e distintas, há algum nível de suposição e incerteza, e, portanto, a vontade é suscetível de fazer um julgamento falso. O uso correto da vontade em casos de incerteza é simplesmente abster-se de julgamento. Quando o "eu" afirma ou nega em casos de incerteza, o "eu" está errado ou o "eu" chegará à verdade puramente por acaso.

Descartes conclui que não pode reclamar que Deus o criou imperfeitamente. Ele não pode reclamar das imperfeições nele que levam ao julgamento falso, uma vez que ele é apenas uma pequena parte da criação maior de Deus, e seu papel nessa criação é perfeito, mesmo que possa parecer imperfeito quando considerado sozinho. Ele conclui que também pode evitar completamente o erro, suspendendo o julgamento nos casos em que ele é incerto e apenas julgando opiniões claras e distintas.

## 1.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho tem como principal tema o *conhecimento* e como fonte de pesquisa as *Meditações Metafísicas* as quais propõem esclarecer um conhecimento duvidoso, como também, fazer uma advertência à importância do uso da razão ao ponderar os poderes inatos do raciocínio. Tornou-se claro neste viés tanto o objetivo a ser alcançado quanto o desenvolvimento a ser trabalhado. Esforços não foram poupados. Em cada uma das *Meditações* foram tratadas situações que mesmo ligadas ao homem, até então eram por ele próprio desconhecidas, conseqüentemente, dignas de investigação.

De início, nas *Meditações Metafísicas*, o filósofo chamou nossa atenção para o recurso da dúvida. O ato de duvidar é mostrado como um exercício da razão, melhor, toda dúvida precisa ou pede uma resposta, uma solução. Os sentidos são tão intrínsecos ao ser que duvidar deles passa a ser um “desafio a si mesmo”. Descartes quando duvida dos sentidos, apresenta o argumento dos sonhos e a hipótese do gênio maligno ou do Deus enganador e mostra algumas formas de se atingir uma certeza maior do que as que já faziam parte do cotidiano. Com a constatação do *cogito ergo sum* dá-se a primeira certeza. De posse dessa certeza (do Cogito), o meditador avança em sua busca de fundamentos para uma ciência além da física, que ofereça conhecimentos bem alicerçados, confiáveis e indubitáveis a todas as outras ciências. O foco passa a ser a aquisição de um entendimento sobre as coisas que pertencem ao corpo e as que pertencem à alma até inteirar-se do que há de verdadeiro e o que pode ser considerado como verdade. Logo, a Segunda Meditação foi dedicada à “natureza do espírito humano e de que ele é mais fácil de conhecer do que o corpo”. Fica mostrado aí os porquês da conclusão que a natureza do corpo é diferente da natureza da alma.

Na altura da Terceira Meditação a dúvida sobre o Deus enganador ainda persistia, o que levou o autor a um questionamento sobre si mesmo que o conduziu à demanda de provar a existência de Deus. Provar a existência de Deus e ainda que Ele não era enganador. Tal demanda carregava um desafio ao que, na época, eram as únicas verdades reconhecidas – as verdades matemáticas. O filósofo destaca em seus argumentos, ressaltando ou descartando, as possíveis influências da flexibilidade dos sentidos que de algum modo poderiam interferir na prova da existência de Deus. Descartes manteve a ideia de que “todo efeito vem de uma causa” e se fez necessário que houvesse uma explicação sobre o conteúdo de seu pensamento, pois esse poderia conter efeitos

inaceitáveis de virem ou terem dele mesmo sua causa. Nisso, fica resolvida a validade da verdade e a suspensão da ideia do Deus enganador. Numa sequência bem posicionada, o filósofo indaga a causa do erro que leva a conhecer o que é verdadeiro e o que é falso. Após destacar os atributos positivos de Deus, surge a pergunta: o que leva o homem ao erro sendo esse uma criação do que é absolutamente perfeito? Toda a reflexão de Descartes no que tange ao erro consta na Quarta Meditação. O erro ressaltado é o referente ao discernimento, ao bom senso, ao julgamento de determinadas decisões que o homem é forçado a tomar em ocasiões da vida e que, na maioria das vezes, o faz de forma errada. O verdadeiro e o falso tratados nessa parte das Meditações não se referem ao bem e ao mal ligados à fé, ao pecado e sim àqueles que aparecem nas verdades especulativas, que dependem da faculdade do intelecto. Ao fim, o resultado a que se chega, claramente, é que Deus não possui responsabilidade pelo erro humano.

Investigando o núcleo da análise de erros do julgamento, Descartes conclui que os erros surgem devido ao fato de que, embora nosso entendimento seja finito, nossa vontade é infinita. Ou seja, podemos escolher livremente acreditar que certas coisas são verdadeiras mesmo quando não temos evidências suficientes. Então, para resolver as interrogações sobre como não cometer erros, a resposta de Descartes é que se deveria aceitar (afirmar ser verdade) apenas aquelas ideias que são “claras e distintas” pois, o erro surge do fato de que a vontade se estende além do intelecto alcançando as coisas que não compreende. Portanto, claramente é mostrado nessas quatro primeiras Meditações, que Deus não possui responsabilidade pelo erro humano.

### 1.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, René – Meditações Metafísicas. Introdução e notas de Homero Santiago. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Editora Martins Fontes – São Paulo – 1983.

\_\_\_\_\_ – Meditações Metafísicas. Introdução e notas de Homero Santiago. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Editora Martins Fontes – São Paulo – 2011.

GUEROULT, Martial - Descartes segundo a ordem das razões. SÃO PAULO: Discurso Editorial, 2016.

SILVA, Renata Ramos da - Liberdade e Erro na Quarta Meditação de Descartes. Revista Itaca -UFRJ – N.27 – 2014 – ISSN (1519-9002 | 1679-6799).



## **SILVANIA GONÇALVES DE MORAES**

Planejamento de um curso de Filosofia para o ensino médio apresentado ao Colegiado do Curso de Filosofia, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

**LAVRAS – MG  
2021**

### **2 PARTE 2 – PLANO DE CURSO**

#### **2.1 INTRODUÇÃO**

Elaborar um plano de curso para alunos do Ensino Médio é tarefa desafiadora. Ao ser elaborado é preciso considerar que essa atividade faz parte de um processo contínuo de aprendizagem. Os documentos norteadores desse processo e que ditam as diretrizes (Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN) e os parâmetros (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN) do ensino de Filosofia no Ensino Médio, enumeram uma variedade de competências a serem desenvolvidas. Esse desenvolvimento se dá em um contexto

determinado pela comunidade onde o(a) docente de Filosofia, assim como os(as) demais agentes do ambiente escolar e da sociedade em geral, devem estar a par dos debates nas diversas instâncias que participam do processo de elaboração das políticas públicas de ensino, visando um diálogo que possibilite maior efetividade dentro da sala de aula – premissa que orientou a reformulação dos documentos citados acima.

As políticas públicas brasileiras possuem um longo percurso histórico. Duas mudanças bem recentes levantaram debates a saber: a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a promulgação da Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Reforma do Ensino Médio). A conclusão da BNCC se deu pouco tempo após a aprovação da Lei nº 13.415 que promovia a reforma do Ensino Médio. Além de mudanças significativas na carga horária dessa etapa do ensino básico vinculou-se também a BNCC aos direitos e objetivos do Ensino Médio. A partir de agora, os sistemas de ensino deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, que consistirão nas seguintes áreas:

1. Linguagens e suas tecnologias;
2. Matemática e suas tecnologias;
3. Ciências da natureza e suas tecnologias;
4. Ciências humanas e sociais aplicadas.

Muito se discutiu sobre o lugar da Filosofia nesse novo arranjo e sobre o conteúdo curricular dessa disciplina que seria elaborado na BNCC. A área de ciências humanas e sociais aplicadas, em tese, comportaria os conteúdos de Filosofia que são garantidos no parágrafo 2 do artigo 35-A. A lei nada dispõe sobre a configuração desses conteúdos, se serão abordados ou não na forma de uma disciplina, todavia, indica os compromissos aos quais não só os conteúdos de Filosofia devem se ater, mas os do Ensino Médio como um todo. O inciso 3 do artigo 35 define como finalidade do Ensino Médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Já o parágrafo 7 dispõe sobre o dever dos currículos para com a “formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”.

Diante de tal projeto educacional, cabe a nós, futuros professores de filosofia, indagarmos sobre as contribuições que a Filosofia e sua história podem oferecer na

resolução dos problemas e desafios que dele virão. É através dessa perspectiva que pretendemos desenvolver o presente plano de curso.

## 2.2 SOBRE O PLANO DE CURSO

O presente plano de curso destina-se a uma turma do segundo ano do Ensino Médio, tendo por objetivo apresentar algumas das principais teorias do conhecimento da história da filosofia. Espera-se que ao fim do curso os(as) alunos(as) possam ter condições de identificar a importância da organização do pensamento com toda a sua realidade e rigor, debater algumas vertentes do conhecimento como a ética e a política (valores) como sustentação para o sujeito humano construir sua realidade material e imaterial, identificar os princípios básicos para o desenvolvimento do conhecimento filosófico e científico superando o senso comum e aprimorando a consciência crítica.

Neste sentido, pretende-se que a compreensão dos argumentos fundamentais de tais filosofias sejam mais do que um conteúdo decorado, mas que constituam fundamentos sólidos que garantam sua autonomia em seu processo de formação como pessoa. Para que isso ocorra, os(as) estudantes devem ser estimulados a pensar por si mesmos sobre os problemas e argumentos apresentados pelos filósofos escolhidos como representantes das teorias do conhecimento.

Estruturado a partir da Proposta Curricular para o ensino de Filosofia do Estado de Minas Gerais – documento que estabelece o Conteúdo Básico Comum para a área de Filosofia – tal plano de curso pretende trabalhar, sobretudo, *o conhecimento e as preocupações geradas por ele*, durante o período de um ano letivo. Os conteúdos serão abordados de maneira que se possa desenvolver as cinco competências presentes no documento citado, a saber: a capacidade de **perceber** problemas e questões presentes em sua vivência; **problematizar** e pensar sobre aquilo que lhe parece normal; **refletir**, ou seja, se colocar como sujeito no processo do pensamento; **conceituar**, sintetizar o que foi experienciado em sua vivência em unidades conceituais, de maneira criativa; **argumentar**, em defesa de sua posição, em vista de atacar ou criticar outras posições, sempre buscando justificar a argumentação de modo coerente. A referida proposta curricular, por sua vez, fundamenta-se a partir dos princípios estabelecidos pelos PCN e, sobretudo, pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias: Ensino de Filosofia.

A intenção desse planejamento é contextualizar o tempo histórico vivido pelos filósofos que terão textos estudados no decorrer dos encontros: Sócrates/Platão/Aristóteles, René Descartes, David Hume e Immanuel Kant. O conteúdo apresentado aqui organizou-se a partir de conteúdos que constituíram historicamente e são basilares para o ensino de filosofia daí colocar o filósofo Sócrates iniciando o período letivo. O problema do conhecimento na Idade Moderna a partir da discussão que gira em torno da pergunta: é possível conhecer a verdade? só estudando filósofos racionalistas, empiristas e criticistas que são encontrados nesse período histórico que haveremos de compreender teorias a respeito do conhecimento e métodos para a ciência.

Em média, considerando que a Filosofia tem uma aula semanal, um bimestre possuindo 08 aulas com um total de 32 aulas ao fim do período letivo, não está sendo considerado a possibilidade de algum feriado ou paralização.

A partir de trechos selecionados das obras de Sócrates/Platão/Aristóteles, Descartes, Hume e Kant, pretende-se reconstruir os principais passos argumentativos de suas filosofias. Os conteúdos serão divididos em quatro unidades didáticas (bimestres), a saber: I) o conceito fundamental da teoria do conhecimento; II) o racionalismo de Descartes: da dúvida à certeza; III) o empirismo de David Hume; IV) o racionalismo crítico em Kant. Ao final de um ano letivo, espera-se que os (as) alunos (as) possuam noções elementares sobre os mais influentes pensamentos da cultura ocidental.

Em nosso Estado o ensino de Filosofia na Educação Básica se dá nos três últimos anos dessa etapa chamada Ensino Médio. Sendo esse planejamento destinado a uma turma de segundo ano é entendido que todos os (as) alunos (as) já tenham uma familiaridade com o estudo filosófico e que tenham, em alguma medida, um conhecimento básico de alguns conceitos e algumas expressões.

### **2.3 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL**

É certo que as salas de aulas de uma escola de Ensino Médio acolhem e abrigam uma gama de culturas, classes sociais, expectativas, sonhos e sentimentos, de indivíduos, na maioria jovens adolescentes, que muitas vezes levam a tarefa de ensinar um conteúdo a ser repensada para fazer sentido, de forma a permitir a ele um pensamento ordenado, conceitualmente rico, significativo e questionador. O presente plano de curso almeja os alunos do 2º ano do Ensino Médio.

O tema e os autores escolhidos para o 1º bimestre estão incluídos na área de filosofia antiga e os do 2º bimestre, na filosofia moderna. Porém, todos eles inseridos na área da “Teoria do Conhecimento” que faz parte do Conteúdo Básico Comum (CBC). A intenção é trabalhar tal conteúdo em sala de aula a partir da leitura de fragmentos de textos clássicos de cada autor e fazer uso do livro didático adotado pela escola será algo recorrente por ser entendido que ele seja algo de grande valia. Sempre que for possível, as plataformas digitais serão usadas respeitando o que é regulamentado pela instituição. Essas plataformas poderão ser usadas sempre, exceto nas provas, como uma ferramenta contemporânea para se alcançar o conhecimento.

A proposta de trabalho é tratar cada filósofo mencionado aqui de modo específico e singular, desde sua apresentação até o pensamento geral de cada um, chegando às teses sustentadas por eles a respeito do conhecimento.

Ao seguir esse planejamento acredita-se que, de modo satisfatório, se tenha abordado uma parte importante da história da filosofia, parte essa que se faz indispensável para a formação acadêmica ideal para todo jovem que deseja ingressar em um curso superior.

## **2.4 MÉTODOS AVALIATIVOS**

Levando em consideração que a Filosofia é uma atividade basicamente discursiva por se expressar através de discursos, argumentos e conceitos e, que aqui será ministrada para adolescentes que vivem uma dificuldade singular no Ensino Médio em se tratando de leitura, compreensão e comentários de textos, a pergunta é: que práticas e métodos usar para orientá-los com o objetivo de que alcancem um grau de satisfação, perto do ideal, na interpretação e produção de textos?

A maioria dos estudantes do Ensino Médio é adolescente, ou seja, pessoas marcadas por transformações biológicas e comportamentais. A sociedade lança, a cada dia, para cada jovem, desafios que requerem posicionamentos que demandam autonomia de pensamento e decisões. Se faz urgente que os alunos aprendam a relacionarem-se com as informações e com o conhecimento. Para tanto, necessário será buscar abordagens que levem à compreensão da estrutura argumentativa do texto filosófico que possibilite ao estudante em questão exercitar a análise crítica e redigir seus próprios textos dissertativo-argumentativos.

É imprescindível trabalhar atividades que estimulem e desenvolvam as habilidades de comunicação básicas: a escrita, a leitura, a fala e a escuta. Tais atividades

quando usadas como meio avaliativo sinaliza para o estudante o quão importante é cada uma dessas habilidades. Não se pode esquecer que as competências referidas no início desse planejamento de curso precisam também ser desenvolvidas, são elas: as capacidades de perceber, problematizar, refletir, conceituar e argumentar. As avaliações serão feitas usando métodos escolhidos dentre os seguintes:

**Prova oral e escrita:** serão aplicadas individualmente com a intenção de avaliar a capacidade dos (as) alunos (as) de desenvolverem de forma satisfatória e breve os conceitos e problemas trabalhados durante as aulas.

**Dissertação:** geralmente redigidas e aplicadas individualmente sobre um tema proposto pelo (a) professor (a) e já trabalhado em classe. É uma oportunidade do (a) estudante exercitar competências como a de “elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo” e, dependendo da orientação fornecida, “articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos” bem como “contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos”.

**Seminário:** geralmente realizado em grupo sobre um texto filosófico ou algum tema específico, envolve pesquisa em diferentes fontes e apresentação à classe pelos (as) integrantes do grupo. É uma oportunidade do (a) estudante praticar a “leitura de textos filosóficos de modo significativo”, bem como a capacidade de expressar-se oralmente e de saber questionar.

**Debate:** apesar do seminário poder desenvolver essa atividade com efetividade, um momento organizado com o intuito de promover a discussão de temas e teses filosóficos, seguindo a estrutura clássica do debate, propicia ao (à) aluno (a) a oportunidade de defender um determinado ponto de vista. A exposição e defesa de seus argumentos de modo rigoroso proporciona o desenvolvimento de uma das principais competências do ato de filosofar.

**Questionário:** aplicada individualmente, as questões objetivas visam introduzir o (a) aluno (a) às formas de avaliação que são porta de entrada para o ensino superior. É preciso preparar o aluno (a) para que esteja apto a dar seguimento a sua formação acadêmica que pode vir a ser a garantia de melhores oportunidades no mercado de trabalho.

## 2.5 PLANEJAMENTO DE CURSO

### 2.5.1 1º BIMESTRE

#### AULA 01

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento na Grécia antiga
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Pré-socráticos recapitulando o conteúdo do 1º ano
<b>Questão norteadora:</b> Qual a importância e o significado do ato de duvidar?
<p><b>Objetivo da aula:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Mostrar aos alunos como se dá a ‘origem da filosofia’ enquanto ato de duvidar.</li> <li>b) Como se dá a mudança de foco no questionamento filosófico.</li> <li>c) O homem e seu comportamento tornam-se objeto principal de sua investigação</li> </ul> <p>[Apresentação do Professor, dos alunos, do curso. Interação professor-aluno X aluno-aluno].</p>
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada.
<p><b>Bibliografia docente:</b></p> <p>ARANHA, A., MARTINS, P. <i>Filosofando: introdução à Filosofia</i>. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013;</p> <p>COTRIM, G., FERNANDES, M. <i>Fundamentos de Filosofia</i>. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017;</p> <p>CHAUI, M. <i>Iniciação à Filosofia. Manual do Professor</i>. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011;</p> <p>MEIER, C. <i>Filosofia: por uma inteligência da complexidade</i>. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;</p> <p>REALE, G., ANTISERI, D. <b>História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média</b>. 3ª ed. vol 1. São Paulo: Paulus, 1990.</p>
<p><b>Bibliografia discente:</b></p> <p>Animação (vídeo) ou vídeo aula no Youtube.</p>

**AULA 02**

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Sócrates (método socrático)
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Sócrates
<b>Questão norteadora:</b> - Em que medida se dá a mudança de foco no questionamento ( <i>télos</i> ) filosófico a partir de Sócrates?
<b>Objetivo da aula:</b> Compreender o método socrático (Maiêutica), enquanto uma contribuição para tirar o indivíduo da sua ignorância.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada.
<b>Bibliografia docente:</b> ARANHA; Maria Lúcia de Arruda e MARTINS; Maria Helena Pires. <b>Filosofando; Introdução a Filosofia.</b> Ed. Moderna. COTRIM, G., FERNANDES, M. <b>Fundamentos de Filosofia.</b> 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017; CHAUI, M. <b>Iniciação à Filosofia. Manual do Professor.</b> 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.
<b>Bibliografia discente:</b> PLATÃO. A República São Paulo, 6º ed. Editora Atena, 1956. Fragmento

**AULA 03**

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Platão
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga

<b>Filósofos abordados:</b> Platão
<b>Questão Norteadora:</b> Em que consiste a diferença entre ver e conhecer?
<b>Objetivo da aula:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Compreender o que é Idealismo,</li> <li>b) Mundo sensível <i>versus</i> mundo inteligível,</li> <li>c) Alegoria da Caverna.</li> </ul>
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada.
<b>Bibliografia docente:</b> COTRIM, G., FERNANDES, M. <b>Fundamentos de Filosofia</b> . 4ª ed. São Paulo: Editora PLATÃO, A República. 6ª ed. ED. Atena, 1956.
<b>Bibliografia discente:</b> PLATÃO, A República. 6ª ed. ED. Atena, 1956, p. 287-291. Fragmento C ROUGUE, Chistophe. Compreender Platão. Vozes. Petrópolis. 2005.
Animações: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=wSW2iefDxE">https://www.youtube.com/watch?v=wSW2iefDxE</a> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=FIBIWDlu3rE">https://www.youtube.com/watch?v=FIBIWDlu3rE</a>

#### AULA 04

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Aristóteles
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Aristóteles
<b>Questão norteadora:</b> Por que Aristóteles afirma que conhecer é conhecer as causas?
<b>Objetivo da aula:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Discutir os conceitos de essência, acidente e causalidade</li> <li>b) Desenvolver as habilidades de argumentação</li> </ul>
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada.
<b>Bibliografia docente:</b> ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução, estudo bibliográfico e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2002.

<p>BARNES, Jonathan. Aristóteles. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005 PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Curitiba: Seed/DEB, 2008.</p> <p>STIRN, François. Compreender Aristóteles. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006</p>
<p><b>Bibliografia discente:</b> ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução, estudo bibliográfico e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2002. Fragmento</p>

## AULA 05

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<p><b>Tema da aula:</b> Apresentação de seminário – Grupos 01 e 02, composto de 5 membros cada</p> <p>a) Grupo 01: Evidenciar a passagem do mito</p> <p>b) Grupo 02: A Mitologia e a Arché</p>
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> pré-socráticos
<p><b>Questão norteadora:</b></p> <p>a) Grupo 01: Em referência à passagem do mito - porque e como ela se deu?</p> <p>b) Grupo 02: Diferença entre o pensamento filosófico e o pensamento mitológico</p>
<p><b>Objetivo da aula:</b> Fixação do conteúdo</p>
<p><b>Metodologia:</b> À escolha do grupo desde que todos os membros participem efetivamente.</p>
<b>Bibliografia docente:</b> Toda disponível.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda fornecida durante as aulas anteriores.

**AULA 06**

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Continuação da apresentação dos seminários: Grupos 03 e 04 a) Grupo03: Como o pensamento filosófico de Sócrates muda a história humana? b) Grupo 04: Quais as características básicas da filosofia socrática?
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Sócrates
<b>Questão norteadora:</b> a) Grupo 03: Quais as principais ideias de Sócrates? b) Grupo 04: Qual foi a causa da morte de Sócrates?
<b>Objetivo:</b> Fixação de conteúdos
<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> A que foi disponibilizada e usada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a bibliografia utilizada no bimestre letivo.

**AULA 07**

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Continuação da apresentação de seminários: Grupos 05 e 06. a) Grupo 05: Como é a filosofia de Platão. b) Grupo 06: Contribuição de Platão para a filosofia

<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Platão
<b>Questão norteadora:</b> a) Grupo 05: Conceitos: verdade, conhecimento e democracia.  b) Grupo 06: Formação do conceito: ideia.
<b>Objetivo:</b> Fixação de conteúdos
<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> Toda usada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a bibliografia utilizada no bimestre letivo.

#### AULA 08

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Continuação da apresentação de seminários, Grupos 07 e 08.
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Aristóteles.
<b>Questão norteadora:</b> Grupo 07: Qual a diferença entre Platão e Aristóteles quanto à origem das ideias? Grupo 08: Como Aristóteles conceitua ideia, verdade, conhecer, realidade, essência?
<b>Objetivo:</b> Fixação de conteúdo.
<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> A utilizada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a bibliografia utilizada no bimestre letivo

#### AULA 09

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da avaliação:</b> Avaliação Bimestral
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Sócrates, Platão e Aristóteles.
<b>Questão norteadora:</b> Avaliar o aprendizado.
<b>Objetivo:</b> Sistematização do conteúdo e a capacidade de argumentação relativa ao que foi trabalhado no período.
<b>Bibliografia docente:</b> Toda utilizada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a bibliografia utilizada no bimestre letivo

## 2.5.2 2º BIMESTRE

### AULA 10

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Descartes
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes
<b>Questão norteadora:</b> Contexto histórico filosófico do surgimento e desenvolvimento do racionalismo;
<b>Objetivo:</b> Apresentar as condições históricas e filosóficas que permitiram o surgimento da filosofia racionalista. - Apresentar, em linhas gerais, a filosofia de René Descartes.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>

<p>ARANHA, A., MARTINS, P. <i>Filosofando: introdução à Filosofia</i>. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013;</p> <p>COTRIM, G., FERNANDES, M. <i>Fundamentos de Filosofia</i>. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017;</p> <p>CHAUI, M. <i>Iniciação à Filosofia. Manual do Professor</i>. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011;</p> <p>MEIER, C. <i>Filosofia: por uma inteligência da complexidade</i>. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;</p>
<p><b>Bibliografia discente:</b></p> <p><b>DESCARTES</b>, René. <i>Discurso do Método</i>. Coleção Os Pensadores vol.XV. Trad.J.Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973.</p>

## AULA 11

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Descartes.
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes
<b>Questão norteadora:</b> Estrutura geral do pensamento de René Descartes
<b>Objetivo:</b> Compreender a intenção metodológica, científica e filosófica do projeto racionalista; Entender o método da dúvida como procedimento seguro; Perceber a certeza basilar: “penso, logo existo”.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>  <p>ARANHA, A., MARTINS, P. <i>Filosofando: introdução à Filosofia</i>. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013;</p> <p>COTRIM, G., FERNANDES, M. <i>Fundamentos de Filosofia</i>. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017;</p> <p>CHAUI, M. <i>Iniciação à Filosofia. Manual do Professor</i>. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011;</p> <p>MEIER, C. <i>Filosofia: por uma inteligência da complexidade</i>. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;</p>

<p><b>Bibliografia discente:</b></p> <p>DESCARTES, René. <i>Meditações Metafísicas</i>. Ed. Martins Fontes, 2011. São Paulo.</p>

## AULA 12

<p><b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública</p>
<p><b>Disciplina:</b> Filosofia</p>
<p><b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio</p>
<p><b>Tema da aula:</b></p> <p>O conhecimento por David Hume</p>
<p><b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna</p>
<p><b>Filósofos abordados:</b> David Hume</p>
<p><b>Questão norteadora:</b></p> <p>Porque o pensamento humeano se pauta na crença de que todos os conteúdos da mente humana são percepções?</p>
<p><b>Objetivo:</b></p> <p>Entender como o conhecimento vem através dos sentidos;</p> <p>Como se dá a ideia de causalidade – “se não A, então não B”;</p> <p>Que é dedução? Que é Hábito?</p>
<p><b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada</p>
<p><b>Bibliografia docente:</b></p> <p>ARANHA, A., MARTINS, P. <i>Filosofando: introdução à Filosofia</i>. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013;</p> <p>COTRIM, G., FERNANDES, M. <i>Fundamentos de Filosofia</i>. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017;</p> <p>CHAUI, M. <i>Iniciação à Filosofia. Manual do Professor</i>. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011;</p> <p>MEIER, C. <i>Filosofia: por uma inteligência da complexidade</i>. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;</p>
<p><b>Bibliografia discente:</b></p>

**HUME, David.** Tratado da natureza humana. (Tradução de Déborah Danowski) São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2001.

### AULA 13

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Conhecimento por David Hume
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> David Hume
<b>Questão norteadora:</b> Quais são as diferenças entre o empirismo e o racionalismo?
<b>Objetivo:</b> Reconhecer a diferença entre dedução e indução; Identificar outros filósofos empiristas na história da filosofia.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>  ARANHA, A., MARTINS, P. Filosofando: introdução à Filosofia. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013; COTRIM, G., FERNANDES, M. Fundamentos de Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017; CHAUI, M. Iniciação à Filosofia. Manual do Professor. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011; MEIER, C. Filosofia: por uma inteligência da complexidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;
<b>Bibliografia discente:</b>  <b>HUME, David.</b> Tratado da natureza humana. (Tradução de Déborah Danowski) São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2001.

### AULA 14

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio

<b>Tema da aula:</b> O conhecimento por Immanuel Kant
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Kant
<b>Questão norteadora:</b> Como ser eticamente livre?
<b>Objetivo:</b> Alcançar o significado de liberdade na ética kantiana; Entender a diferença entre juízos hipotéticos e categóricos, afim de compreender qual deles deve ser o fundamento de nossa ação moral.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>  ARANHA, A., MARTINS, P. Filosofando: introdução à Filosofia. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013; COTRIM, G., FERNANDES, M. Fundamentos de Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017; CHAUI, M. Iniciação à Filosofia. Manual do Professor. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011; KANT, GMS – 1º Seção. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Edições 70. MEIER, C. Filosofia: por uma inteligência da complexidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014; SEDGWICK, S. 2008 (2017), Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Uma chave de leitura, p.79-128.
<b>Bibliografia discente:</b>  KANT, GMS – 1º Seção. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Edições 70.

## AULA 15

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b>

O conhecimento por Kant
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Kant.
<b>Questão norteadora:</b> Como sair da menoridade intelectual de acordo com Kant?
<b>Objetivo:</b> Distinguir autonomia e heteronomia; maioridade e menoridade; Entender o que é esclarecimento para Kant; Perceber o meio para se alcançar o esclarecimento.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>  <p>ARANHA, A., MARTINS, P. Filosofando: introdução à Filosofia. 5ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013;</p> <p>COTRIM, G., FERNANDES, M. Fundamentos de Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017;</p> <p>CHAUI, M. Iniciação à Filosofia. Manual do Professor. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2011;</p> <p>KANT, I. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’ (Tr.: Floriano de Souza Fernandes). Em: Textos Seletos. (org. Carneiro Leão, E.) Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784].</p> <p>MEIER, C. Filosofia: por uma inteligência da complexidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014;</p>
<b>Bibliografia discente:</b>  <p>KANT, I. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’ (Tr.: Floriano de Souza Fernandes). Em: Textos Seletos. (org. Carneiro Leão, E.) Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784].</p>

## AULA 16

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio

<b>Assunto:</b> Avaliação Bimestral
<b>Tema da aula:</b> Sistematização do conteúdo e a capacidade de argumentação relativa ao que foi trabalhado no período
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes. Hume e Kant
<b>Questão norteadora:</b> Avaliar o progresso dos alunos.
<b>Metodologia:</b> Prova escrita e individual.
<b>Bibliografia docente:</b> A bibliografia utilizada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a bibliografia utilizada no bimestre letivo

### 2.5.3 3º BIMESTRE

#### AULA 17

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Apresentação de seminários. Grupo 01 e 02, composto de 5 membros cada.  Grupo 01: Apresentação geral do racionalismo. Grupo 02: Surgimento do mecanicismo.
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> René Descartes
<b>Questão norteadora:</b> Grupo 01: Em que consiste a Filosofia de Descartes? Grupo 02: Como o método da dúvida é procedimento seguro?
<b>Objetivo:</b> Grupo 01: Apresentar a classificação das ideias – inatas, adventícias e factícias. Grupo 02: Descrever a dúvida hiperbólica.

<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> Bibliografia usada até agora.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a fornecida durante as aulas anteriores.

## AULA 18

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Continuação Apresentação de seminários. Grupo 03 e 04.
<b>Tema da aula:</b> Grupo 03: Racionalismo X Empirismo. Grupo 04: "segundo David Hume, não podemos saber se o sol nascerá amanhã". EXPLIQUE a frase e o porquê o filósofo pensava tal coisa.
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Hume
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Fixação do conteúdo e ampliação dos conhecimentos
<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> Toda a usada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a fornecida durante as aulas anteriores.

## AULA 19

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia

<b>Tema da Aula:</b> Continuação da apresentação de seminários. Grupos 05 e 06.
<b>Filósofos abordados:</b> Kant
<b>Questão norteadora:</b> Grupo 05: Para Kant, por que nem racionalismo e nem empirismo, mas sim, criticismo? Grupo 06: Que significa “Aja unicamente de tal forma que sua ação possa se converter em lei universal”.
<b>Objetivo:</b> Fixação dos conteúdos e ampliação dos conhecimentos
<b>Metodologia:</b> À escolha dos alunos desde que todos os membros do grupo participem efetivamente.
<b>Bibliografia docente:</b> Toda a utilizada no bimestre.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a fornecida durante as aulas anteriores.

## AULA 20

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Resumo e revisão do conteúdo do bimestre
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes, Hume e Kant.
<b>Questão norteadora:</b> Fixação do conteúdo do bimestre
<b>Objetivo:</b> Preparação para avaliação bimestral
<b>Metodologia:</b> Aplicação de questionários
<b>Bibliografia docente:</b> A mesma indicada para as aulas.
<b>Bibliografia discente:</b> A mesma indicada para aulas.

## AULA 21

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Avaliação Bimestral
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes, Hume e Kant
<b>Questão norteadora:</b> Avaliar o desempenho da turma.
<b>Objetivo:</b> Sistematização dos seminários apresentados relativos à Filosofia Moderna – Descartes, Hume e Kant. Buscar identificar os principais aspectos de cada corrente filosófica.
<b>Metodologia:</b> Prova escrita
<b>Bibliografia docente:</b> A mesma indicada para as aulas.
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a fornecida durante as aulas anteriores.

## Aula 22

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º ano – Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Correção da Avaliação Bimestral
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes, Hume e Kant
<b>Questão norteadora:</b> Comentar os erros e acertos para melhor fixação.
<b>Objetivo:</b> Fixar o conteúdo e tirar dúvidas preparando para o fim do ano letivo e para a participação dos alunos no PAS.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva e dialogada
<b>Bibliografia docente:</b> A mesma usada
<b>Bibliografia discente:</b> A mesma usada

### 2.5.4 4º BIMESTRE

## AULA 23

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> A escolástica e Descartes
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes, Tomás de Aquino.
<b>Questão norteadora:</b> - Porque a relação entre a filosofia e a teologia era, segundo Descartes, problemática?
<b>Objetivo:</b> a) Compreender as críticas de Descartes à Escolástica; b) Entender Fé <i>versus</i> Fundamentação racional.
<b>Metodologia:</b> Aula Expositiva Dialogada
<b>Bibliografia docente:</b> Descartes, R. Discurso do método. Introdução e notas de Étienne Gilson. Trad. port. de João Gama. Lisboa: Edições 70, s.d. Souza, M. G. Ética e Filosofia Política – O engenheiro e o navegante: Bacon, Descartes e o projeto moderno de restauração das ciências. Disciplina de Pós-Graduação. São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1º semestre de 2002 (anotações de aula).
<b>Bibliografia discente:</b> Recortes de textos selecionados pelo professor.

## AULA 24

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> A influência do Empirismo Britânico
<b>História da Filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Hume, Locke, Berkeley.
<b>Questão norteadora:</b> Em que medida o empirismo, especialmente, as ideias de David Hume tiveram influência sobre Kant?
<b>Objetivo:</b> a) Compreender a correlação histórico-filosófica entre as correntes filosóficas estudadas separadamente no semestre anterior. A passagem do racionalismo para o empirismo que servirá de suporte ao criticismo.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<b>Bibliografia docente:</b>

HUME, D. Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral. Trad. José Oscar de Almeida Marques. SP: UNESP, 2004, pp. 120-37. KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007, pp. 93-103.

**Bibliografia discente:** Fragmentos de textos disponibilizados pelo professor.

## AULA 25

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> A revolução copernicana e Kant
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Copérnico e Kant
<b>Questão norteadora:</b> Como posso obter um conhecimento seguro e verdadeiro sobre as coisas do mundo?
<p><b>Objetivo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Mostrar aos alunos a "revolução copernicana" como resposta ao problema do conhecimento em Kant</li> <li>b) Entender com Kant que o mundo não tem sentido a não ser que o homem dê algum sentido a ele.</li> </ul>
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva dialogada
<p><b>Bibliografia docente:</b></p> <p>DELEUZE, Gilles. A Filosofia Crítica de Kant. Tradução de Germiniano Franco. Lisboa: 70, 2009.</p> <p>HÖFFE, Otfried. Immanuel Kant. Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.</p>
<b>Bibliografia discente:</b> Recortes de textos selecionados.

## AULA 26

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Revolução científica do século XVII

<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Copérnico, Kant
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Aprofundar conhecimentos
<b>Metodologia:</b> Leitura e interpretação de texto compartilhada
<b>Bibliografia docente:</b> MEIER, Celito. Filosofia: por uma inteligência da complexidade: volume único: ensino médio/Celito Meier. 2ª edição - Belo Horizonte, MG: PAX Editora e Distribuidora, 2014. P. 254.
<b>Bibliografia discente:</b> KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. Rio de Janeiro: Forense, 1979.p.13-14. (Fragmento)

## Aula 27

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> O que é esclarecimento?
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Kant
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Aprofundar conhecimento
<b>Metodologia:</b> Leitura e interpretação de texto compartilhada
<b>Bibliografia docente:</b> MEIER, Celito. Filosofia: por uma inteligência da complexidade: volume único: ensino médio/Celito Meier. 2ª edição - Belo Horizonte, MG: PAX Editora e Distribuidora, 2014. P. 254.
<b>Bibliografia discente:</b>

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? Trad. Danilo Marcondes. In: MARCONDES, Danilo. Textos básicos de Ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 95-100. (Fragmento)

## AULA 28

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Escolástica
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Medieval/Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Santo Tomás de Aquino e Descartes
<b>Questão norteadora:</b> Em que consiste a formação escolástica?
<b>Objetivo:</b> Compreender o que Descartes e outros filósofos modernos contestavam. Saber a razão da filosofia tomista ser tão importante no contexto filosófico.
<b>Metodologia:</b> Vídeo aula com comentários e debates.
<b>Bibliografia docente:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=knoTMbvQoVA">https://www.youtube.com/watch?v=knoTMbvQoVA</a>
<b>Bibliografia discente:</b> Recortes de textos fornecidos pelo professor.

## AULA 29

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Revisão preparatória para avaliação final
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga
<b>Filósofos abordados:</b> Sócrates, Platão e Aristóteles
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Rever o conteúdo do ano, tirar dúvidas e preparar para avaliação final.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva e dialogada

<b>Bibliografia docente:</b> Toda a usada no ano letivo.
<b>Bibliografia discente:</b> A usada e disponibilizada no ano letivo.

### Aula 30

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Revisão preparatória para a avaliação final. Confraternização
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Descartes, Hume e Kant
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Rever o conteúdo do ano, tirar dúvidas e preparar para avaliação final.
<b>Metodologia:</b> Aula expositiva e dialogada
<b>Bibliografia docente:</b> A usada no ano letivo.
<b>Bibliografia discente:</b> A usada no ano letivo.

### AULA 31

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Avaliação final
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga e Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Hume, Kant.
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Encerrar o ano letivo
<b>Metodologia:</b> Prova escrita
<b>Bibliografia docente:</b> Toda a usada durante o ano letivo
<b>Bibliografia discente:</b> Toda a usada durante o ano letivo

**AULA 32**

<b>Escola de Implementação:</b> Escola Pública
<b>Disciplina:</b> Filosofia
<b>Ano letivo:</b> 2º - Ensino Médio
<b>Tema da aula:</b> Entrega das provas finais
<b>História da filosofia:</b> Filosofia Antiga e Moderna
<b>Filósofos abordados:</b> Todos os estudados durante o ano letivo
<b>Questão norteadora:</b>
<b>Objetivo:</b> Avaliar o desempenho dos estudantes no ano letivo
<b>Metodologia:</b>
<b>Bibliografia docente:</b>
<b>Bibliografia discente:</b>